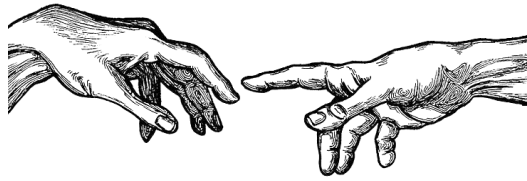

**ENSINO
FUNDAMENTAL
– 8º ANO –
ARTE
VOLUME ÚNICO**

Apostila do 8º Ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.





ARTE



AULA 04

ESPAÇO NA ARTE



espaço na arte refere-se à área ao redor, entre ou dentro dos objetos representados. Ele pode ser real (físico) ou ilusório (criado por técnicas visuais). Ele também define a disposição dos elementos dentro de uma composição. Na arte, a organização visual pode transmitir ordem, equilíbrio e harmonia, guiando o olhar do observador.

A correta utilização do espaço cria impacto visual e reforça a mensagem da obra, tornando-a mais clara e expressiva.

TIPOS DE ESPAÇO

Figura e fundo: uma figura se destaca do fundo pela atenção que desperta no observador.

A figura é o elemento que possui significado, enquanto o fundo é pouco significativo. A atenção sobre a figura ocorre pelas características próprias do objeto ou por características presentes no observador. O contraste é o responsável pela distinção entre a figura e o fundo. Contraste que pode ser formal, pela qualidade da superfície ou pelo significado da figura.

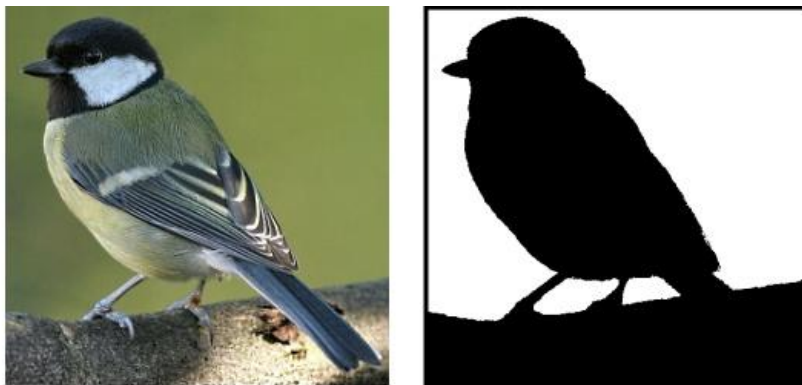
A figura possui algo formalmente diferente em relação ao contexto sobre o qual está colocada. Pode ser um formato diferente, uma cor, uma textura, etc. Com relação ao observador, as motivações pessoais podem ajudar a destacar uma figura em relação ao seu contexto.



Espaço positivo e negativo:

Espaço positivo: onde os objetos (formas principais) estão.

Espaço negativo: o “vazio” ao redor ou entre esses objetos.



Exemplo: Nestas imagens o pássaro (preto) é o espaço positivo; o fundo ao redor (branco) é o espaço negativo.

Normalmente, forma positiva é a figura, e forma negativa é o fundo, mas nem sempre as relações entre a figura e o fundo são definidas. Pode-se perceber um espaço ora como figura, ora como fundo.



Espaço positivo e negativo são conceitos artísticos presentes em vários ramos distintos das artes, na pintura, escultura, gravura, design, e pode ser definido como todo o espaço ocupado em torno do motivo principal.

Espaço bidimensional e tridimensional: bidimensional refere-se a uma superfície plana que possui apenas altura e largura, sem profundidade real. É o espaço no qual se dá a maioria das pinturas, desenhos, gravuras e ícones.

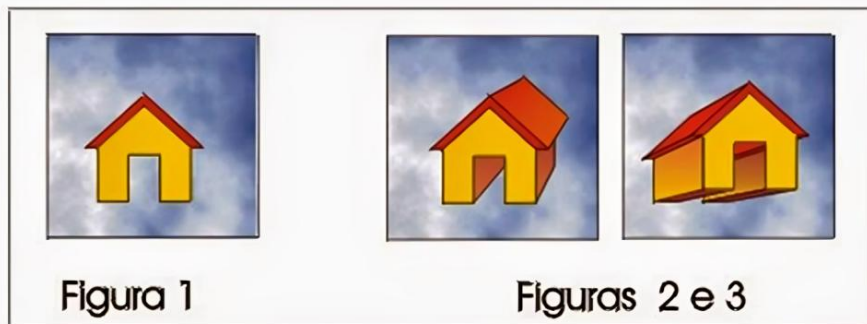
Não há profundidade física, mas pode haver ilusão de profundidade.

O tridimensional possui altura, largura e profundidade. Ele pode ser real (como em esculturas e instalações) ou simulado (em pinturas com perspectiva realista como vimos).

A profundidade é real (como em esculturas) ou representada com precisão (como no Renascimento).

Em suportes planos (papel, tela), o artista cria ilusão de profundidade com técnicas como: perspectiva (linear e atmosférica), sombreamento, sobreposição, variação de tamanho e foco, gradientes de cor, luz e sombra.

- Figura 1 – Bidimensional
- Figura 2 e 3 - Tridimensional



ATIVIDADE

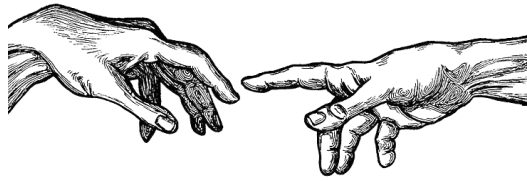
Figura e Fundo.

Materiais:

- Folhas para desenho.
- Lápis de cor e canetinhas.

Passos da atividade:

1. Elabore um desenho com uma figura em destaque, que desperte a atenção, e um fundo que contraste pela forma diferente, por uma cor ou uma textura.
2. Apresente seu trabalho a alguém, dizendo qual é a figura e o fundo, se é bidimensional ou tridimensional e como fez para deixá-lo assim.



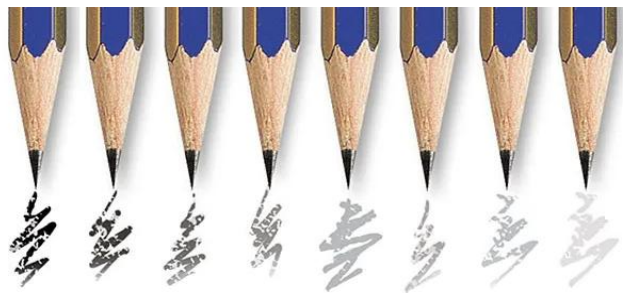
AULA 05

LÁPIS GRAFITE E VALOR TONAL



grafite é um dos materiais mais utilizados no desenho, permitindo desde esboços simples até composições detalhadas e sombreadas. Ele é classificado conforme sua dureza, que influencia o traço e a tonalidade da linha.

É composto por uma mina de grafite e argila, envolvida por um corpo de madeira (geralmente cedro). A proporção entre grafite (que dá a cor escura) e argila (que dá resistência) define a dureza da mina — ou seja, o tipo de traço que ela produzirá.



CLASSIFICAÇÃO DO LÁPIS GRAFITE

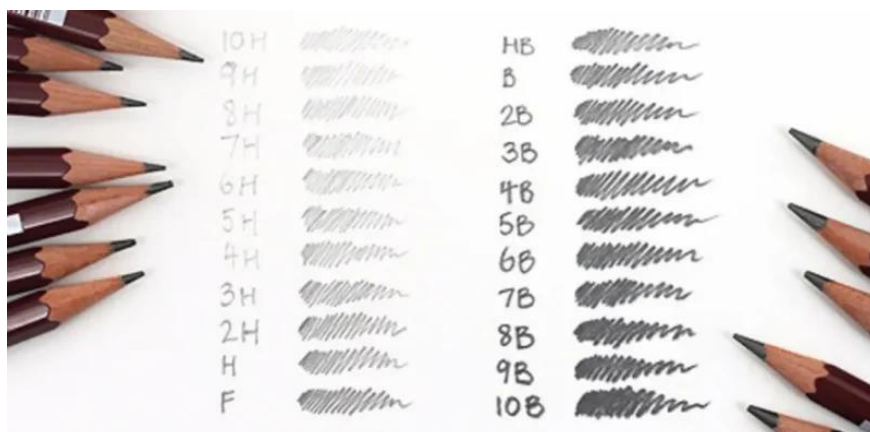
A classificação segue uma escala internacional que combina letras e números para indicar a dureza ou suavidade da mina:

Escala H (Hard – Duro): Lápis duros, com traço mais claro e preciso. Ideal para desenho técnico, esboços leves e linhas finas. Quanto maior o número, mais duro e claro: H, 2H, 3H... até 9H.

Escala B (Black – Macio): Lápis macios, com traço mais escuro e mais solto. Usado para sombreamento, efeitos de volume e expressão artística. Quanto maior o número, mais macio e escuro: B, 2B, 3B... até 9B.

Escala HB e F: HB proporciona equilíbrio entre dureza e suavidade — ótimo para escrita e esboços básicos, são muito versáteis.

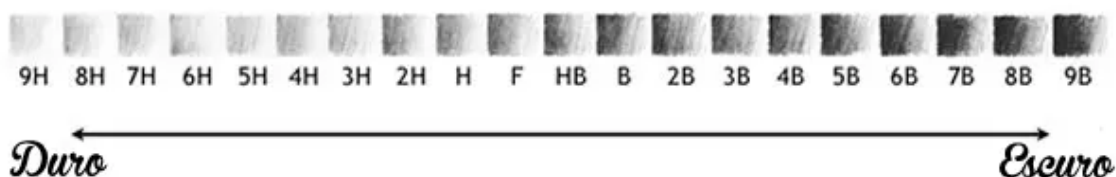
F (Fine Point): Ligeiramente mais duro que o HB, mas ainda considerado intermediário.



RESUMO DA ESCALA (DO MAIS DURO AO MAIS MACIO):

9H → ... → 2H → H → F → HB → B → 2B → ... → 9B

Lápis



UTILIDADE DE CADA TIPO DE LÁPIS NO DESENHO

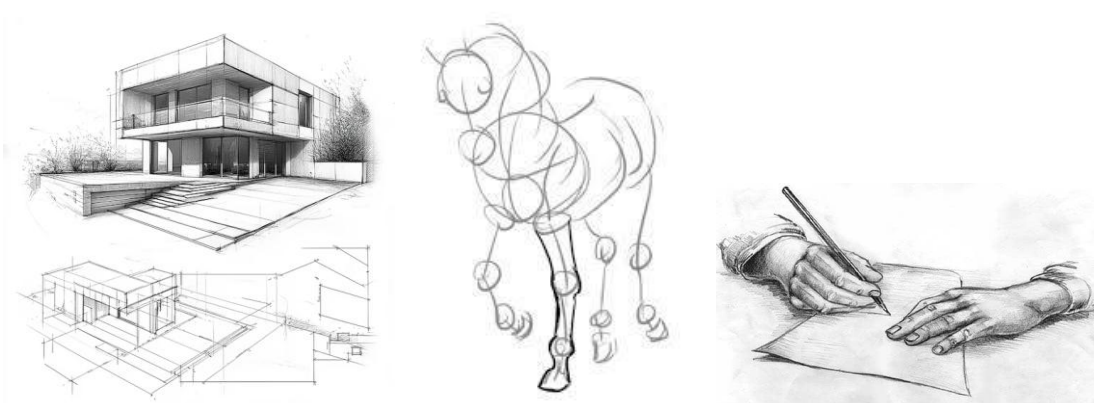
Classificação – Uso Comum

H a 4H: Desenho técnico, linhas arquitetônicas, construção de formas.

2H a HB: Esboços iniciais, rascunhos limpos, base para desenhos detalhados.

B a 3B: Desenho artístico, sombreamento leve a médio.

4B a 9B: Sombreamento intenso, contrastes dramáticos, expressividade.





Dessa forma, em uma composição pode-se usar um contraste extremo de preto e branco para obter um efeito mais dramático, ou harmonizar uma obra com valores bastantes próximos.

Indicações:

Use lápis mais duros (H) para as etapas iniciais de um desenho, pois são mais fáceis de apagar.

Lápis mais macios (B) são ideais para reforçar contornos, sombras e detalhes expressivos.

Misturar diferentes graduações no mesmo trabalho dá profundidade e realismo.

Um bom papel também influencia no resultado — papéis com textura (grão) retêm mais grafite.

VALOR TONAL

Como já vimos, o valor tonal determina as variações entre tons claros e escuros em um desenho, criando efeitos de profundidade e volume.

A aplicação do valor tonal é essencial na composição artística, transformando um desenho plano em algo tridimensional.

Sua variação no desenho se dá:

- Pela pressão de um mesmo lápis sobre o papel.
- O uso da graduação do lápis (mais duro ou mais macio).
- Pelas camadas de grafite aplicadas.

INDICAÇÕES PARA CONTROLAR O VALOR TONAL

Use pouca pressão nos lápis duros, pois eles riscam o papel.

Para tons mais escuros e suaves, faça camadas com lápis macios, em movimentos circulares ou paralelos.

Mantenha o lápis sempre afiado para melhor precisão.

Use papéis de gramatura maior (120g/m² ou mais) para melhor controle do grafite e para permitir esfumar sem danificar.

ATIVIDADE

Criar uma escala de valores tonais com lápis grafite.

Materiais:

- Folha para desenho;
- Diferentes lápis grafite (sugestão: 2H, HB, 2B, 4B, 6B);
- Borracha e régua.

Passos da atividade:

- Faça 2 faixas no papel.
- A primeira faixa divida em 6 a 10 quadradinhos.
- Comece com o lápis mais claro (exemplo: 2H) e aplique pressão leve no primeiro quadrado. Em cada quadrado seguinte, use uma graduação mais escura:

H → HB → 2B → 4B → 6B.



O objetivo é criar uma transição suave do claro ao escuro, começando sempre do mais claro.

Caso não tenha os diferentes lápis grafites, poderá criar a escala tonal utilizando apenas um lápis, iniciando no 1º quadradinho com pouca *pressão*, e aumentando gradativamente para deixar mais escuro. Ou faça com *sobreposição de camadas*: no 1º faz uma camada leve, no 2º duas camadas ainda leves, e assim por diante.

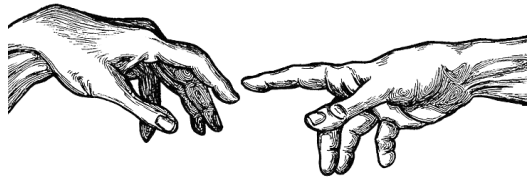
Na segunda faixa, faça um degradê tonal, sem dividir em quadrados. Faça uma transição suave na passagem para cada tom, ou seja, uma pintura contínua misturando os tons do lápis.

Assim como o anterior, também é possível realizar com apenas um lápis (técnica da pressão ou camadas).



Esses exercícios o ajudarão a visualizar e controlar os tons que são essenciais para sombras realistas, transições de luz suaves, criação de efeitos tridimensionais, etc.

Realize o mesmo processo com outros lápis de cor (1 lápis ou vários de mesma tonalidade).



AULA 12

A PROPORÇÃO DA FIGURA HUMANA



representação da figura humana evoluiu ao longo da história da arte, alcançando grande precisão no Renascimento. Inspirados pelos estudos anatômicos e pela proporção áurea, os artistas dessa época buscaram representar o corpo humano de maneira idealizada e equilibrada.



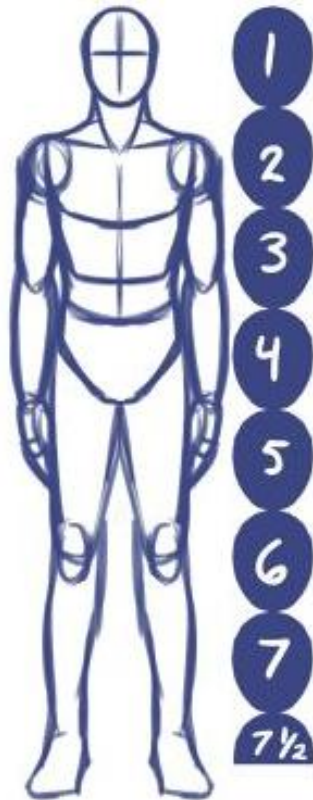
“El pago del tributo” - Tommaso di Ser Giovanni di Simone, conhecido por Masaccio, 1425.

O estudo da proporção garante que essas representações transmitam realismo e explorem a beleza da Criação de Deus com harmonia.

“Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.” Salmo 139, 14

FIGURA HUMANA: PROPORÇÕES BÁSICAS (ADULTO)

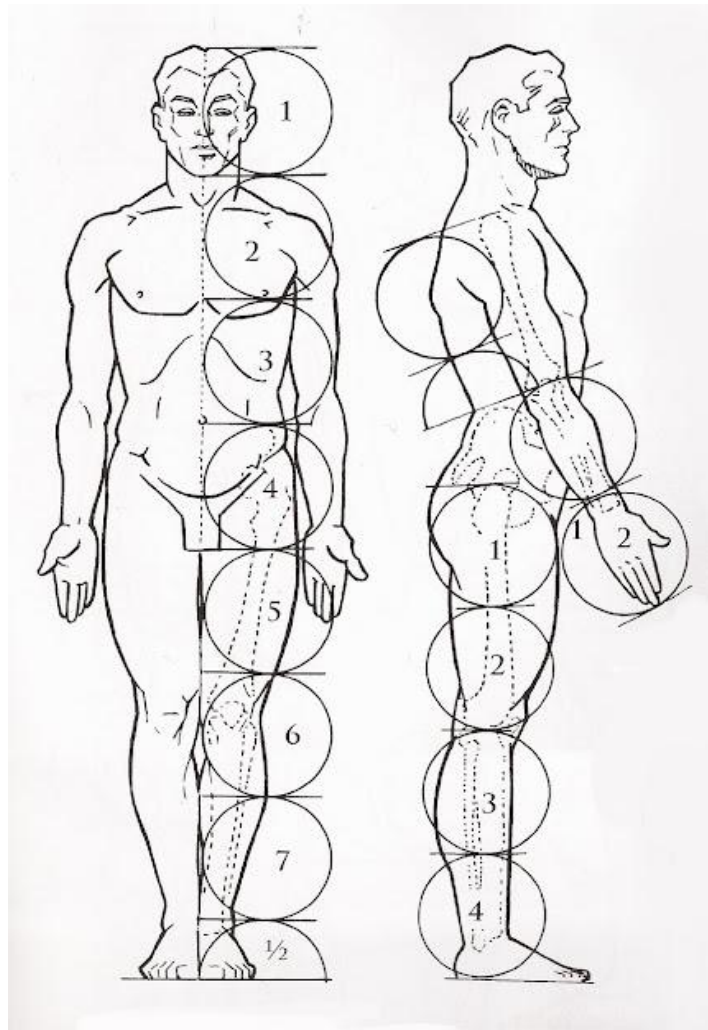
A proporção mais comum de uma figura humana adulta pode ser dividida em 7 cabeças e meia.



Os desenhistas americanos utilizam a proporção de 8 cabeças.

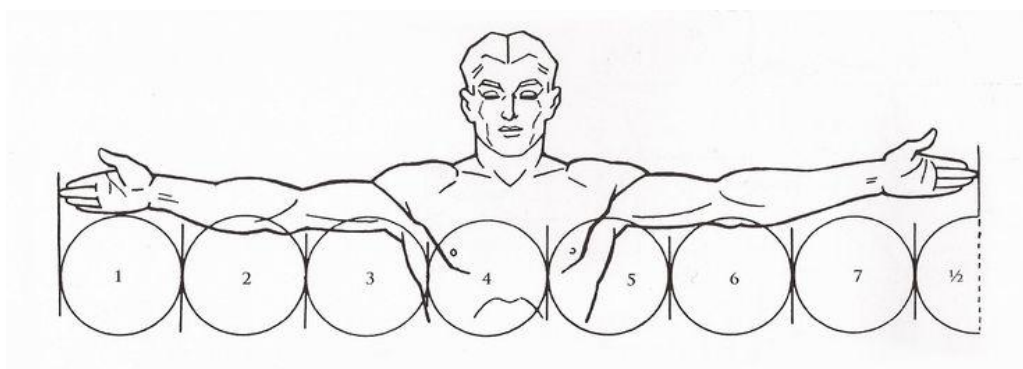
Da cabeça até os pés, cada parte do corpo tem proporções relativamente fixas que ajudam a manter a harmonia do desenho.

PARTE DO CORPO	PROPORÇÃO (EM “CABEÇAS”)
Cabeça	1
Do queixo ao peito	1
Do peito ao umbigo	1
Do umbigo à virilha	1
Da virilha aos joelhos	2
Dos joelhos aos pés	2



Outras proporções:

Os braços abertos geralmente equivalem à altura da pessoa.



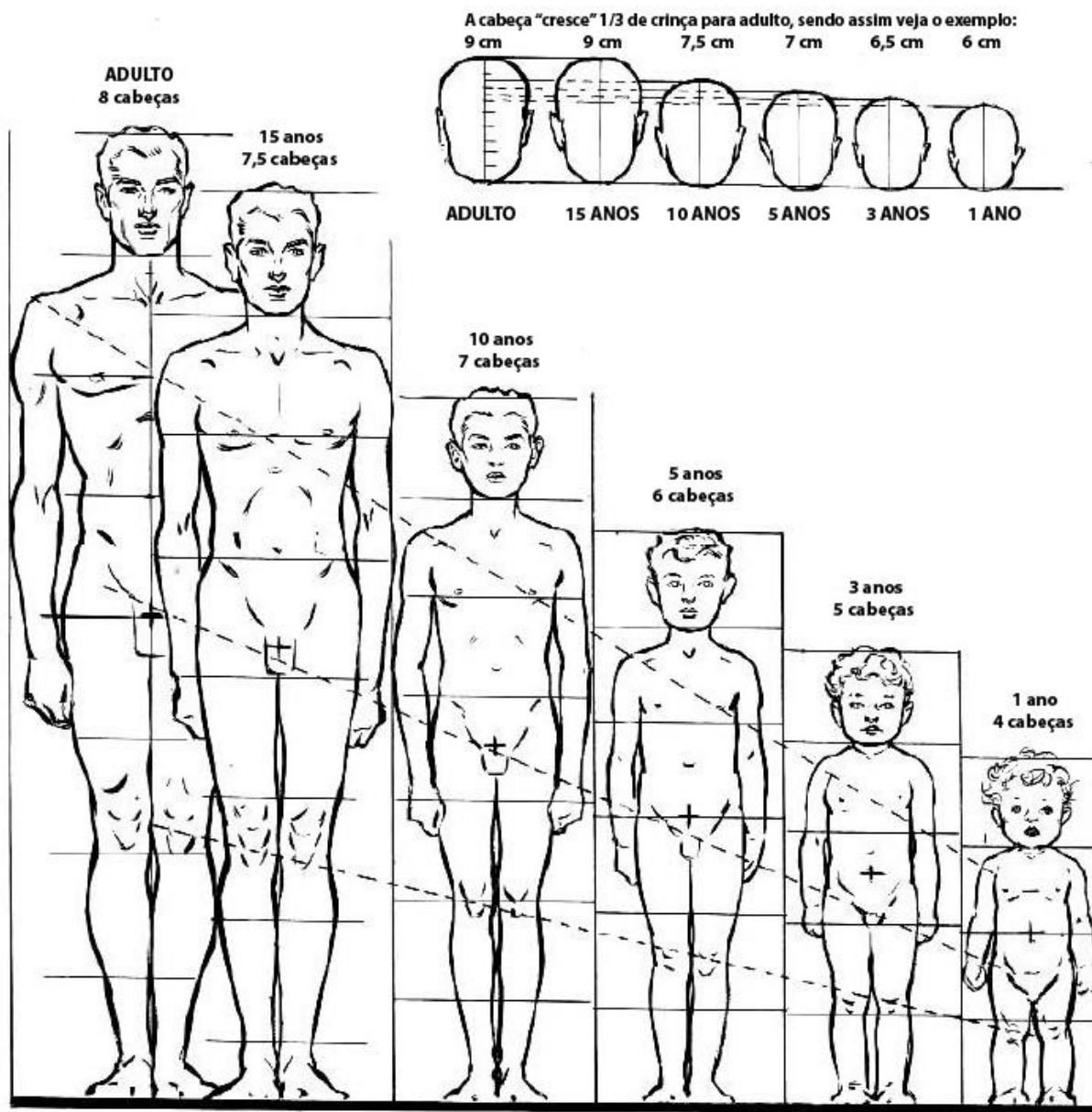
O cotovelo está na altura da cintura.

As mãos vão até o meio da coxa.

O rosto também tem proporções: os olhos estão no meio da cabeça, o nariz no meio entre os olhos e o queixo, e a boca entre o nariz e o queixo.

Crianças: quanto menos idade, menor número de cabeças na altura.

Proporções ideais em várias idades



Os artistas usaram as proporções para destacar a dignidade e a espiritualidade do ser humano, mostrando a ordem e a beleza do Criador.



*“Primavera”, Botticelli – 1482.
Mostra ritmo, vitalidade e leveza.*

ATIVIDADE

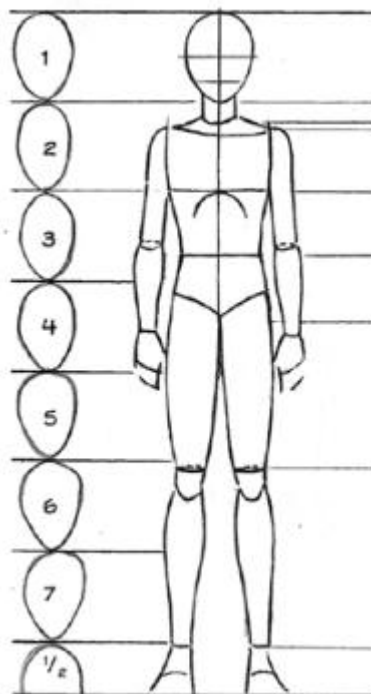
Proporções aplicadas à figura humana.

Materiais:

- Papel para desenho.
- Lápis grafite e borracha.

Passos da atividade:

1. Esboçar a estrutura básica do corpo humano utilizando medidas proporcionais.
2. Use o modelo para auxiliar.



3. Dê acabamento ao desenho adicionando os detalhes.
4. Reflita como a proporção influencia a expressividade da obra.



AULA 13

O BARROCO E A EXPRESSÃO DA FÉ



Barroco foi um dos períodos mais marcantes da história da arte, caracterizado por dramaticidade, movimento e forte apelo emocional. Surgiu na Europa no século XVI, como resposta apaixonada à Revolução Protestante e aos conflitos da alma moderna. Resposta cultural e espiritual que buscava reafirmar a fé católica por meio da arte, tornando-a mais expressiva e envolvente. Mas não é só reação: além disso, o mundo vivia intensas descobertas científicas e expansão marítima, o que exigia uma nova linguagem para expressar a grandeza de Deus e a complexidade do mundo.

A arte barroca utilizou composições dinâmicas e contrastes acentuados de luz e sombra para criar impacto e aprofundar a experiência espiritual do observador, expressão do conflito humano elevado à beleza.

O Barroco é arte que se move entre o céu e a angústia, entre a luz e a sombra. Brota num tempo em que fé e razão, grandeza e sofrimento, esplendor e cruz se entrelaçam.

É uma arte dramática, intensa e simbólica, que busca envolver todo o ser (olhos, corpo, imaginação, fé). Ela não se contenta com equilíbrio: ela quer mover, comover, chocar e elevar. Desenvolve os opostos: claro e escuro, céu e corpo, glória e morte.

CARACTERÍSTICAS DA ARTE BARROCA

A arte barroca é profundamente religiosa, dramática e rica em simbolismos. Ela deseja tocar a alma, provocar emoção e conduzir à contemplação do mistério de Deus.

Buscava enaltecer a glória de Deus (*ad maiorem Dei gloriam*), expressar o mistério da fé com beleza e intensidade e ajudar o fiel a se elevar espiritualmente.

Aparece muito em igrejas, retábulos dourados, pinturas de santos em êxtase e esculturas cheias de movimento.

Principais características visuais:

Característica	Explicação
Dramatismo	Cenas com emoção forte: êxtase, dor, arrependimento, glória.
Contrastes de luz e sombra	Representa a luta entre o bem e o mal; usa o claro-escuro (chiaroscuro).
Movimento	Corpos em ação, roupas esvoaçantes, gestos intensos.
Riqueza de detalhes	Ornamentação com ouro, arabescos, mármore, colunas, tetos pintados.
Teatralidade	Arte que parece “viva”, como se a cena estivesse acontecendo diante do fiel.

ARQUITETURA BARROCA

Igrejas com fachadas curvas, altares dourados, cúpulas grandiosas, luz, ouro, colunas em espiral como oração elevada.

Exemplos:



Igreja de São Francisco de Assis (Ouro Preto).



Basílica de São Pedro - Vaticano. Luz, ouro, colunas em espiral como oração elevada.



Igreja e Convento de São Francisco em Salvador/B.A.

PINTURAS BARROCA

Caravaggio (Itália) – Introduziu o tenebrismo e a intensidade dramática nas cenas religiosas. Cenas bíblicas com grande contraste de luz.

Luz que escolhe, rosto que se espanta.



“A Vocação de São Mateus”, Caravaggio – 1599-1600.

Velázquez (Espanha) – retratos religiosos e da realeza. Quem vê é também visto.



“As Meninas”, Velázquez – 1656.

Peter Paul Rubens (Flandres) – Utilizou cores vibrantes, composições dinâmicas em suas pinturas religiosas e cenas grandiosas. Carne que sofre com honra.

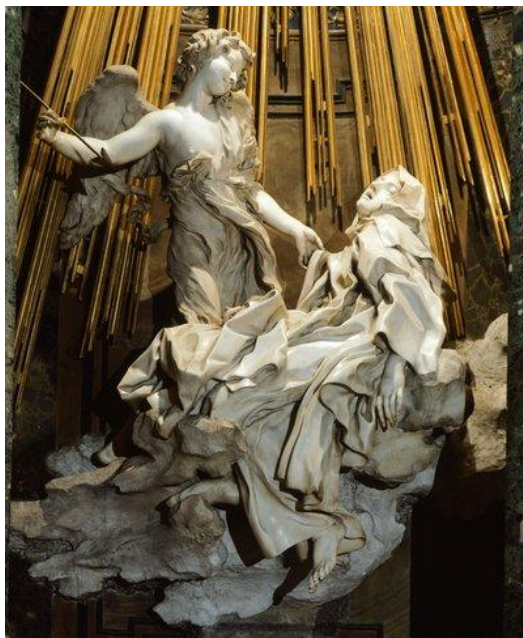


“Jesus é coroado de espinhos”, Rubens – 1618.

ESCULTORES

Gian Lorenzo Bernini (Itália) – Criou esculturas sacras que parecem estar em movimento. Expressava emoção intensa e movimento.

Pedra que respira, dor que beija o céu.



“Éxtase de Santa Teresa” – 1652



“Davi” – 1624



Beata Ludovica Albertoni, 1674

MÚSICA BARROCA

A Música Barroca apresenta a música sacra com contraponto, órgãos e cantos polifônicos, elevando a alma a Deus.

Grandes compositores: Johann Sebastian Bach, Händel e Vivaldi.

BARROCO NO BRASIL

O Barroco chega como forma catequética: ensinar pela beleza. Veio com os missionários e colonizadores portugueses.

Uniu a catequese com a arte: imagens de santos, igrejas com azulejos e talhas douradas.

Destaque para Aleijadinho, escultor católico mineiro, criador de obras como os Profetas de Congonhas.



Santuário de Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas/MG.





Rostos rugosos cheios de eternidade.

“A arte barroca é a pregação visual da fé. Convida o homem a sair de si e contemplar o eterno.”
— Parafraseando São João Damasceno.

Enquanto o mundo moderno começa a exaltar o homem, o Barroco recorda a grandeza de Deus, o sacrifício de Cristo e a glória da Igreja.

ATIVIDADE

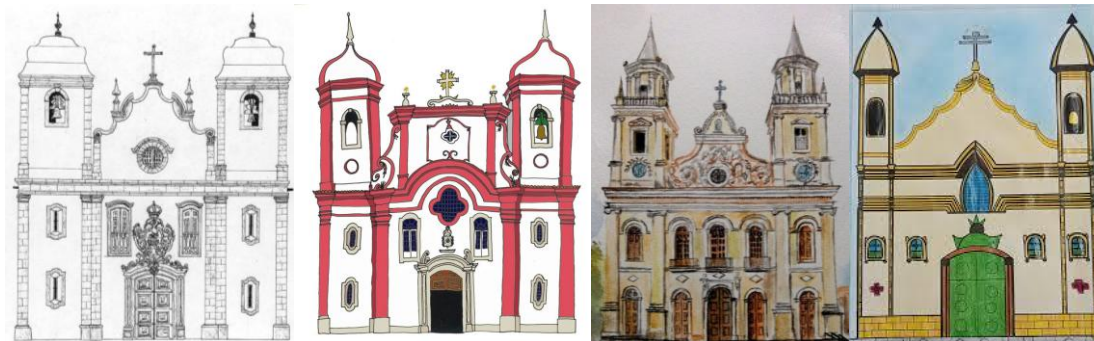
Fachada de Igreja barroca.

Materiais:

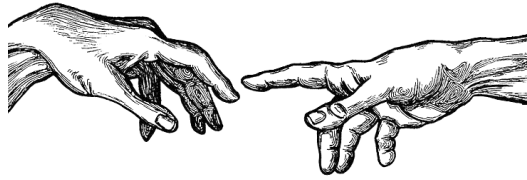
- Folha para desenho.
- Lápis grafite e borracha.
- Régua.
- Lápis de cor ou tinta (aquarela, guache ou acrílica).

Passos da atividade:

1. Crie uma fachada barroca conforme exemplos abaixo, ocupando toda a folha de desenho.



2. Faça a pintura e crie sombra, texturas e fundo.
3. Apresente seu trabalho a alguém, e explique as características barrocas.



AULA 17

ESCULTURA E ARQUITETURA NA ARTE



escultura e a arquitetura sempre estiveram presentes na arte. Desde as esculturas romanas até os altares barrocos, a tridimensionalidade contribuiu para tornar os espaços religiosos mais solenes e inspiradores.

A escultura sacra não apenas embeleza as igrejas, mas também serve como ferramenta de ensino, ajudando os fiéis a compreenderem a história da salvação por meio de imagens de santos, anjos e cenas bíblicas.

ESCULTURAS

Três pontos da arte tridimensional com linguagem acessível e viva:

1. Escultura é arte que nasce do corpo. Diferente de um desenho ou pintura, a escultura ocupa espaço real. Podemos andar em volta dela, vê-la de frente, de lado, de cima. É como se a ideia virasse corpo. Quando a gente modela em argila, talha em madeira ou funde em metal, está dando forma concreta para algo invisível: um sentimento, uma história, uma ideia.

2. Cada técnica é uma escolha de olhar. Modelar (como no biscuit), talhar (como No mármore) ou fundir (como o bronze) são maneiras diferentes de enfrentar a matéria. É a luta entre forma e resistência. A escultura ensina que nada importante se faz rápido, e que às vezes tirar, ao invés de acrescentar, é o caminho.

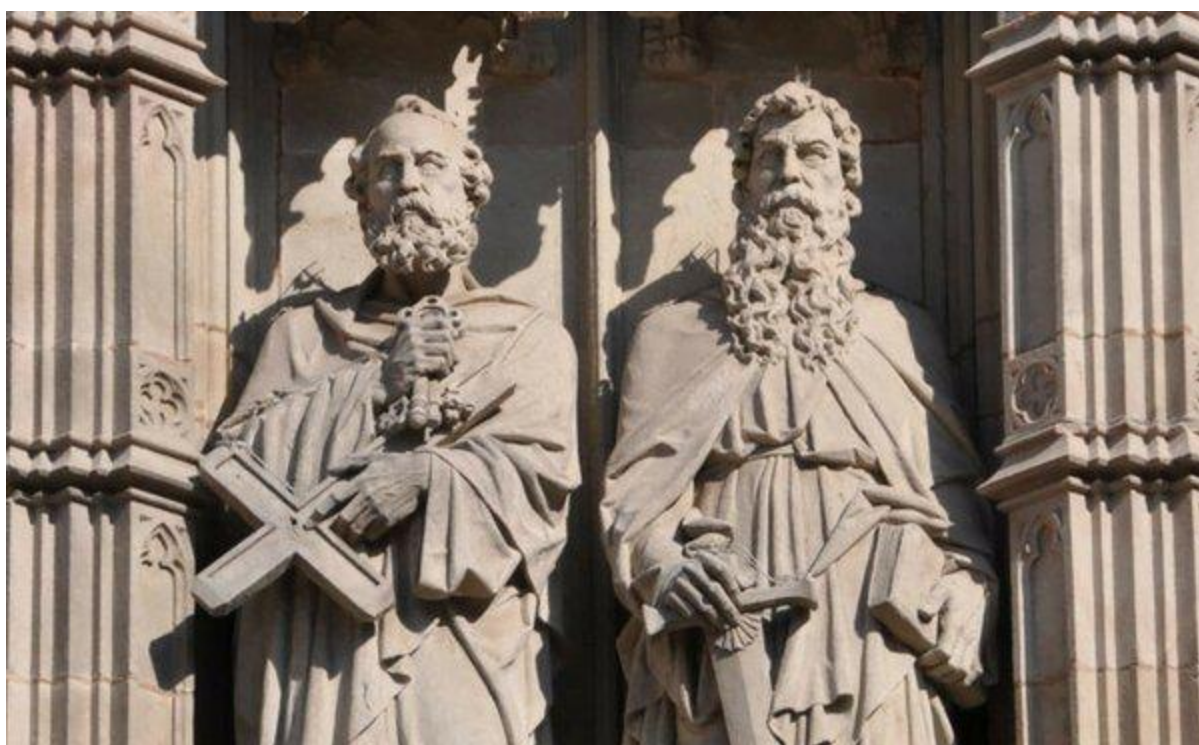
3. Toda escultura carrega um silêncio. Mesmo quando grita movimento, a escultura convida à pausa. É sólida, firme, permanece. As grandes esculturas da história, desde as dos deuses gregos aos santos das igrejas, apontam que o ser humano sempre precisou parar diante do que é maior que ele.

Ela é gesto congelado, eternidade feita gesto.

As esculturas sacras, por exemplo, são criadas para representar santos e eventos religiosos. Podem ser em mármore, madeira, bronze, terracota...



Estátuas de São Pedro e São Paulo na Basílica de São Pedro, no Vaticano.



São Pedro e São Paulo, Vaticano.

A ARQUITETURA

A arquitetura não é só “construção”. É arte viva. É forma onde a vida acontece.
É como arte do espaço vivido, onde a vida acontece.

Tudo que tem teto e chão “fala” algo: uma casa simples, uma igreja antiga, um prédio moderno.

A arquitetura une função com beleza.

Estilos arquitetônicos são como espelho da alma de um tempo.



Um castelo medieval mostra defesa e isolamento.



*Uma catedral gótica aponta para o céu com arcos e vitrais: fê, verticalidade e luz.
Projetada para elevar a mente dos fiéis ao divino.*



O modernismo traz linhas simples e uma grande perda de sentido. Museu de Arte de São Paulo (MASP).

ATIVIDADE

Maquete da “minha casa”.

Materiais:

Sugestão: recicláveis e simples:

- Caixa de sapato, caixa de leite ou papelão (estrutura principal).
- Tampas plásticas (mesa, cadeiras, adereços).
- Caixa de fósforo, rolo de papel higiênico (móveis, colunas).
- Palitos de picolé (portas, cercas, cama).
- Papel colorido ou pano de retalho (cortinas, colchas).
- Cola quente ou cola branca.
- Tesoura.
- Tintas, lápis de cor ou tinta guache.

Passos da atividade:

1. Observação e planejamento.

Observe atentamente a sua casa. As formas, os cômodos, a fachada, o telhado, as portas e janelas, o quintal, escadas, varanda, as paredes, a entrada, etc. Se é térrea, de andares, comprida, pequena, alta...

Importante: A maquete não precisa ser fiel em medidas exatas, mas deve representar bem as partes principais da casa real.

2. Faça um esboço no papel de tudo que observou e separe os materiais que irá utilizar para cada parte.
3. Montagem.
 - a) Base da maquete: Escolha um pedaço de papelão grande como base.
 - b) Estrutura, paredes e cômodos: Cole uma caixa (sapato/papelão/leite) aberta, cortada com as divisões dos cômodos (use papelão para criar paredes internas, um pedaço separando quarto, sala, cozinha, banheiro), ou uma caixa para cada cômodo.
 - c) Móveis e detalhes: Use caixas pequenas para fazer cama, sofá, mesa; tampinhas viram bancos, caixa de fósforo vira armário, cortinas, escadas, vegetação, etc.
 - d) Pode incluir telhado com papelão dobrado ou deixar sem teto (tipo casa aberta de boneca).
 - e) Fachada e entrada: Use uma folha para criar a frente da casa com porta e janela desenhadas, flores, cerca, escadinha. Se quiser, pode fazer telhado usando papel em triângulo e colar por cima como capa.



4. Apresente a maquete para sua família, contando como fez e suas memórias da casa.



AULA 21

A ORDEM NA ARTE

“Ordenaste tudo com medida, número e peso” (Sb 11,20).



ordem é amiga íntima da criatividade. É ela que dá forma ao invisível. Sem ordem, a beleza se perde. Ela é o esqueleto da beleza. Muitas vezes não aparece, mas sustenta tudo. O caos e a desordem, por sua vez, são marcas da ausência de Deus, sinais da queda e do pecado, que obscurecem a harmonia da Criação. Onde há desordem, reina a confusão, e o homem se afasta da verdade e da beleza. Por isso, a arte deve buscar sempre a ordem, como reflexo da luz divina que organiza, salva e conduz todas as coisas ao seu sentido pleno.

O QUE É ORDEM NA ARTE?

É a organização harmoniosa dos elementos da arte. Ela ajuda o olhar a se orientar na imagem, entender o que é importante e perceber a beleza.

A ordem nos faz:

- Saber o que vem primeiro, o que vem depois.
- Saber onde colocar cada elemento para que haja clareza.
- Fazer com que as partes se comuniquem entre si.
- Guiar o olhar de quem vê, sem confusão.



Conjunto de exemplos de arabescos em diferentes aplicações: mosaico religioso em tons dourados e azuis, ornamentos geométricos medievais, design de piso ou revestimento ornamental e padrões coloridos em mosaico abstrato.

“A beleza consiste na integridade, na proporção e na clareza.”

Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica, I, q. 39, a. 8.

POR QUE A ORDEM É IMPORTANTE?

A ordem em uma obra de arte reflete a inteligência do artista e favorece a clareza da mensagem transmitida. Para os cristãos, ela é também sinal da presença de Deus, pois o Criador fez todas as coisas com medida e sabedoria (*cf.* Sb 11, 20). Quando o artista cria com ordem, imita o próprio Deus, expressando a harmonia da Criação. Como princípio natural da beleza, a ordem conduz o olhar à contemplação, inspira paz e favorece a elevação do espírito.

ELEMENTOS PRINCIPAIS DA ORDEM

Simetria: Quando os dois lados são iguais ou equilibrados.

Proporção: A relação correta entre tamanhos, como no corpo humano.

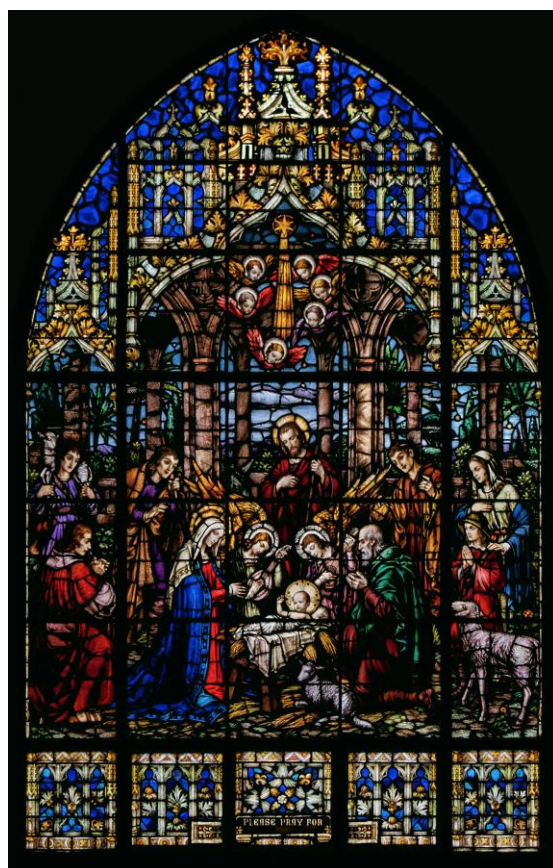
Repetição: Quando certos elementos aparecem várias vezes, criando ritmo.

Unidade: Tudo parece fazer parte de um conjunto.

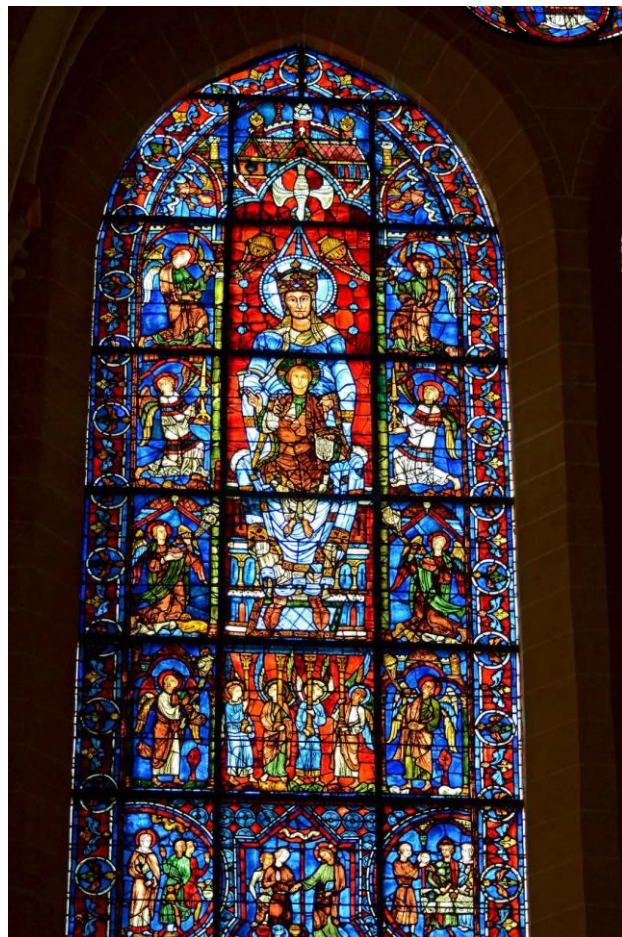
Hierarquia visual: Existe um ponto principal e outros secundários.



Vitrais de igreja com cores equilibradas.



Vitrais detalhados. Cena do Nascimento de Jesus.



Vitral com Maria e Jesus no centro.

ATIVIDADE

Refleta sobre a ordem. Observe atentamente as imagens:



Pintura Renascentista.



Arte moderna abstrata.

Responda:

- 1) Essas imagens têm ordem ou bagunça?
- 2) Qual transmite mais paz?
- 3) De acordo com o que estudamos na aula, qual é a mais bela?
- 4) O que há de organizado na primeira imagem?
- 5) Por que a ordem é importante?
- 6) O que a ordem faz o olho entender?



AULA 27

O CINEMA MUDO: QUANDO A IMAGEM FALAVA SOZINHA



Como vimos, antes que o cinema aprendesse a falar, ele já dizia muito.

O cinema mudo nasceu no final do século XIX e floresceu nas primeiras décadas do século XX como uma arte profunda, silenciosa e expressiva, onde cada gesto era palavra, e cada olhar, um grito contido.

Sem diálogos sonoros, os filmes dependiam dos gestos, expressões faciais, corporais e movimentos para transmitir emoções e contar a história; das mímicas cuidadosamente pensadas, das músicas ao vivo que acompanhavam a exibição e dos cartazes com pequenas frases entre as cenas. Mas, por isso mesmo, ele era direto: tocava o sentimento sem distrações, arte pura em movimento.

Isso resultou em um estilo de interpretação marcante, que influenciou o teatro e outras formas de arte visual.



CARACTERÍSTICAS MARCANTES

Atuações exageradas (para compensar a ausência da fala).

Fotografia em preto e branco, com iluminação dramática.

Enredos simples, mas cheios de emoção: amor, perda, superação, comédia pastelão.

Figuras universais: o andarilho, a moça inocente, o vilão, a criança em perigo.

GRANDES NOMES

Charlie Chaplin, com seu personagem Carlitos, uniu humor e crítica social com gestos precisos.





Buster Keaton, o “homem que nunca sorria”, criou cenas de ação silenciosa e genialidade visual.

Georges Méliès, com seus truques e fantasias, mostrou que o cinema podia ser um sonho projetado.



Diretores como D. W. Griffith elevaram a linguagem visual: cortes, planos e montagem narrativa.

O QUE PERDEMOS E O QUE FICOU

Com a chegada do som em 1927 (“O Cantor de Jazz”), o cinema falado passou a dominar. Mas algo se perdeu: o silêncio como linguagem. A escuta do corpo. O poder da imagem que não precisa explicar.

O cinema mudo ensina que ver com profundidade exige escutar o que não é dito. E que o essencial, muitas vezes, se move sem fazer barulho.

O cinema pode ser um meio de contar histórias edificantes, ilustrando virtudes, desafios e a importância das relações humanas.

A HISTÓRIA DO CINEMA SOB O PONTO DE VISTA CATÓLICO

O cinema é um dos frutos da modernidade técnica. Os irmãos Lumière despertaram espanto ao apresentar imagens em movimento diante dos olhos. Para um católico, esse momento revela tanto a criatividade humana – reflexo da inteligência dada por Deus – quanto um desafio: toda invenção pode servir ao bem ou ser instrumento de degradação.

O início do cinema foi marcado por encantamento, mas também por certo caráter de espetáculo popular, sem maiores pretensões artísticas ou espirituais. Logo, porém, surgiram narrativas mais elaboradas. No começo do século XX, já havia filmes de inspiração bíblica, como *La Vie et la Passion de Jésus Christ* (1898-1902), mostrando como a sétima arte podia se tornar veículo de uma espécie de catequese visual.

Nos anos 1920 e 1930, Hollywood cresceu como centro mundial da indústria cinematográfica. O cinema se tornou linguagem universal, capaz de transmitir ideias, valores e emoções a milhões de pessoas ao mesmo tempo. Do ponto de vista católico,

isso ampliava a responsabilidade: se por um lado era possível usar a tela para propagar virtudes, por outro havia o risco de difundir vícios, ideologias e imagens contrárias à fé. Foi o que aconteceu na indústria cinematográfica.

A Igreja percebeu a força dessa mídia: o Papa Pio XI, na encíclica *Vigilanti Cura* (1936), advertiu sobre os perigos morais do cinema, mas também reconheceu sua capacidade educativa e apostólica.

Ao longo do século XX, o cinema serviu tanto à propaganda ideológica (como nos regimes totalitários) quanto a obras de alto valor artístico e espiritual. Diretores como Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e, mais tarde, Franco Zeffirelli realizaram filmes que buscavam um humanismo mais elevado, muitas vezes impregnado de valores cristãos.

Para o católico, a história do cinema é ambígua: trata-se de uma linguagem poderosa, que pode exaltar a dignidade humana e narrar a história da salvação, mas que também pode ser instrumento de deformação moral, se usada sem critério.

ATIVIDADE

Cena sem palavras.



“O Garoto” é um dos filmes mais conhecidos de Charles Chaplin, em que ele interpreta o famoso personagem **Carlitos**, um homem pobre, simples e bondoso. Certo dia, Carlitos encontra um bebê abandonado e, mesmo sem condições, decide criá-lo como seu próprio filho. O menino cresce ao lado dele, e juntos formam uma família cheia de afeto, mesmo em meio às dificuldades.

A história mostra como, apesar da pobreza e dos obstáculos, o amor e a generosidade podem transformar vidas. O filme mistura momentos de **alegria e ternura**, como as brincadeiras entre pai e filho, com momentos de **tristeza e luta**, quando enfrentam a separação e a injustiça. Sem usar falas, apenas com gestos, expressões e atitudes, Chaplin consegue transmitir emoções profundas e universais, que falam de **amizade, coragem, cuidado e perseverança**.

“O Garoto” ensina que, mesmo em situações difíceis, é possível viver o amor e a bondade, virtudes que dão força para superar a dor e encontrar a alegria.

Passos da atividade:

1. Leia a sinopse acima, observando quais sentimentos (alegria, tristeza, medo, raiva, amor...) e virtudes (coragem, paciência, generosidade, fé...) aparecem na história.

2. Sua vez: Escolha um sentimento e uma virtude e crie um pequeno enredo inspirado na sinopse (exemplo: uma cena de cuidado, de superação de medo, de alegria em meio às dificuldades).

3. Encenação: Elabore uma apresentação sem falas, usando apenas gestos e expressões, como Chaplin fazia em seus filmes.

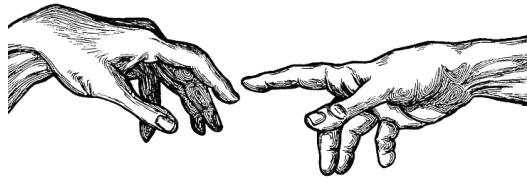
4. Compartilhe em família: Mostre sua encenação para a família e, depois, conversem sobre quais sentimentos e virtudes foram percebidos.

Orientações:

– Treine antes de se apresentar, exagerando nas expressões para que a mensagem fique clara.

– Você pode criar um “duelo” entre sentimentos, como medo e coragem, tristeza e alegria.

– Se quiser, peça a ajuda de alguém da família para representar outro personagem.



AULA 29

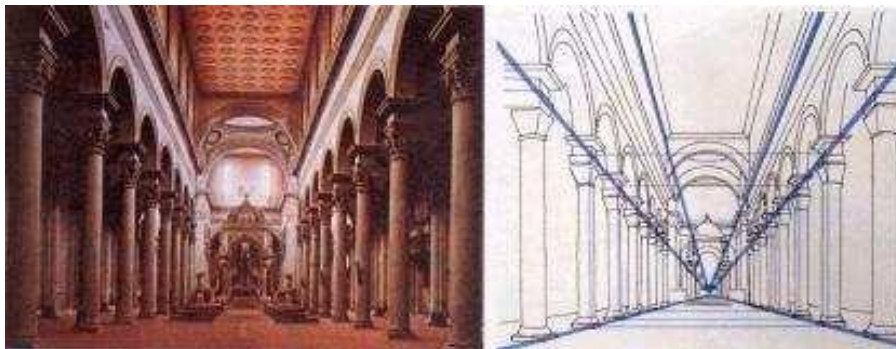
PERSPECTIVA: O OLHAR QUE PENSA PROFUNDO



a arte, nem tudo é o que parece, e é aí que começa o mistério da perspectiva.

O conhecimento sobre perspectiva, é indispensável para quem estuda artes visuais. Ele nos ajuda a criar e interpretar corretamente a aparência de volume dos objetos, profundidade, espaço de ambientes ou paisagens, e todo tipo de esquemas gráficos que procuram reproduzir as características tridimensionais da realidade.

Olhamos para uma folha de papel plana, mas vemos ali uma estrada que afasta, uma janela aberta para longe, uma cidade inteira feita de risco e sombra. Isso acontece porque o artista aprendeu a desenhar com profundidade, mesmo num plano. Esse ensino se chama perspectiva.



Perspectiva é a técnica visual utilizada para representar, num espaço plano, a ilusão de profundidade e distância, de acordo com o ponto de vista do observador. Ela organiza os elementos da imagem de modo que pareçam mais próximos ou mais distantes, criando um efeito tridimensional sobre a superfície bidimensional.

Na arte, a perspectiva torna possível mostrar espaço, volume e proporção com coerência, permitindo que o olhar perceba a cena como se estivesse diante de uma janela aberta para o mundo.

Mesmo que desenhada em duas dimensões, a cena passa a parecer real, com profundidade, com partes que se aproximam e outras que se afastam.



PERSPECTIVA INTUITIVA: O COMEÇO DA OBSERVAÇÃO

Antes de existir geometria, o artista já observava o mundo.

Na Idade Média, muitos pintores tentavam mostrar profundidade de forma natural, sem regras matemáticas, apenas por intuição: desenhando objetos menores para o fundo, maiores para a frente, sobrepondo figuras.



Desenho de uma pequena aldeia com casas simples ao pé das montanhas, destacando linhas de perspectiva intuitiva e equilíbrio na composição.



Nossa Senhora e Jesus com São Jerônimo e São João Batista.

Trata-se da chamada perspectiva intuitiva: uma maneira de sugerir profundidade de forma espontânea, sem o uso de regras matemáticas rigorosas. Ela não é exata, mas já

mostra a vontade de representar o espaço com sentido. Funciona como o olhar de uma criança que tenta entender o que é perto e o que é longe, mesmo sem régua ou ponto de fuga.

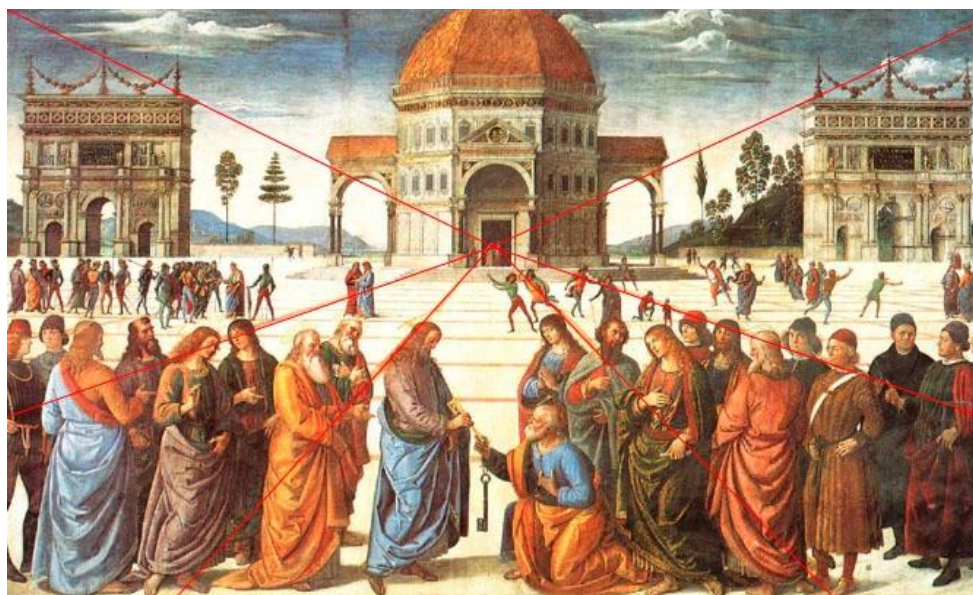
PERSPECTIVA LINEAR: A INVENÇÃO DA PROFUNDIDADE EXATA

No Renascimento, os artistas buscaram ordem, equilíbrio e verdade visual. Então, desenvolveram a perspectiva linear, uma técnica baseada em linhas que fogem para um ponto comum no horizonte, chamado ponto de fuga. Técnica baseada em linhas convergentes para criar profundidade.



“A entrega das chaves a São Pedro”, Perugino, 1481.

Na **perspectiva linear** (com um ponto), todas as linhas que acompanham a profundidade, convergem nesse ponto.



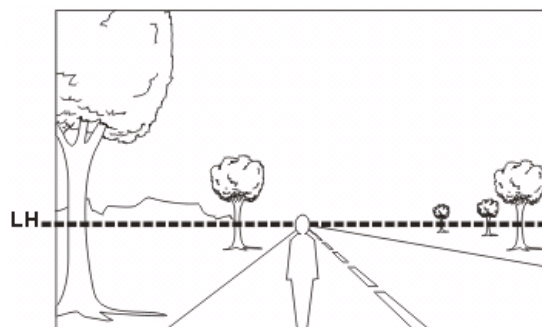
Nos ícones e afrescos bizantinos, a perspectiva intuitiva era usada para destacar elementos importantes. Com o desenvolvimento da perspectiva linear no Renascimento, artistas como Leonardo da Vinci e Rafael passaram a criar composições mais organizadas e proporcionais.

ELEMENTOS DE PERSPECTIVA

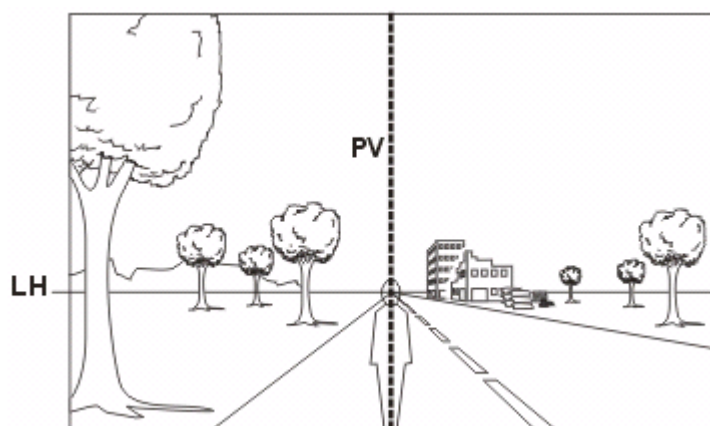
Existem quatro elementos de perspectiva que determinam o nível e o ângulo visual do espectador no contexto do desenho, são eles:

Linha do Horizonte, Ponto de Vista, Ponto de Fuga e Linhas de Fuga.

Linha do horizonte: É o elemento da construção em perspectiva que representa o nível dos olhos do observador (linha horizontal pontilhada LH).



Em uma paisagem, é a linha do horizonte que separa o céu e a terra. Vista ao longe, ela está na base das montanhas e risca horizontalmente o nível do mar.

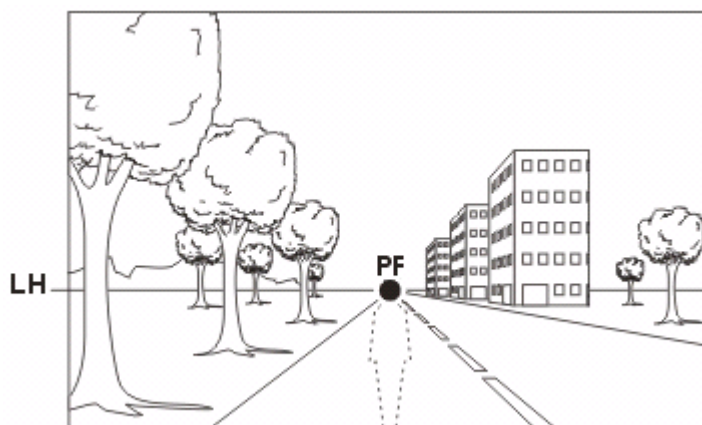


Ponto de vista: Na representação gráfica da perspectiva é comum o ponto de vista ser identificado por uma linha vertical perpendicular à linha do horizonte. O ponto de vista (PV) revela-se exatamente no ranking dessas duas linhas.

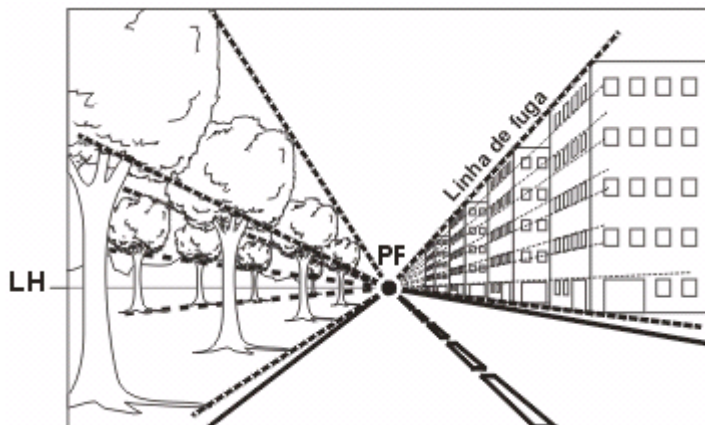
Dependendo do ângulo visual de observação do motivo, a linha vertical que localiza o ponto de vista, pode situar-se centralizada na cena compositiva ou em um de seus lados, esquerdo ou direito.

Ponto de fuga: É o ponto localizado na linha do horizonte, para onde convergem todas as linhas paralelas, quando vistas em perspectiva (PF).

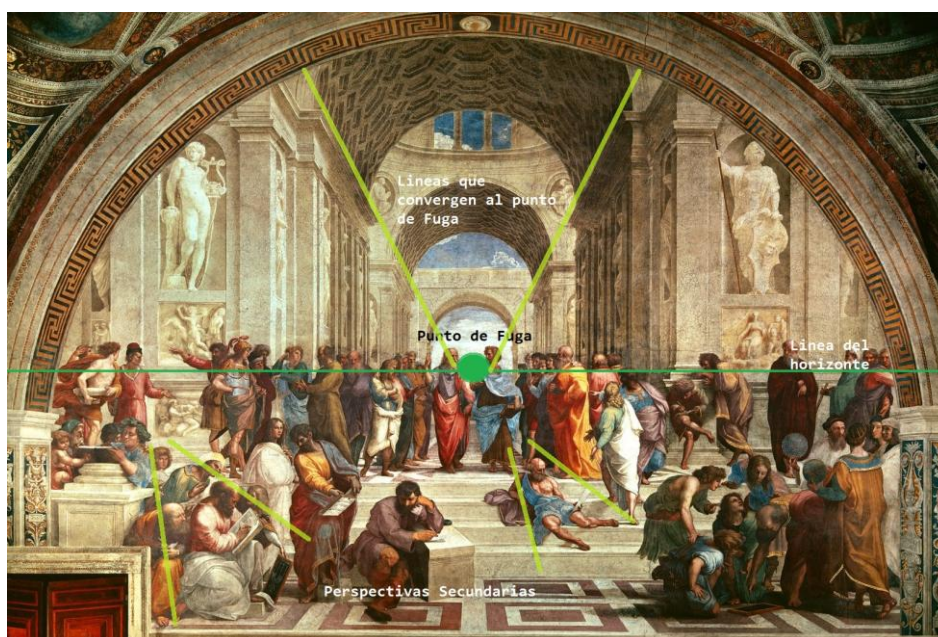
Em alguns tipos de perspectiva são necessários dois ou mais pontos de fuga. Em situações como estas, poderá ter pontos tanto na linha do horizonte quanto na linha vertical do ponto de vista. Em alguns casos é possível o ponto ficar tanto da linha do horizonte quanto do ponto de vista.



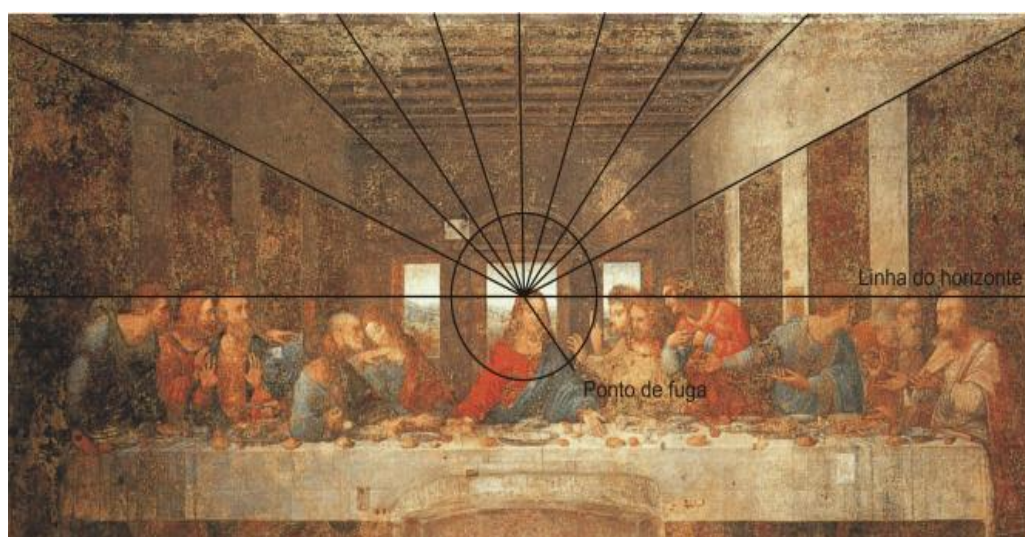
Linhas de fuga: São as linhas imaginárias que descrevem o efeito da perspectiva convergente para o ponto de fuga (linhas convergentes pontilhadas). É o afunilamento dessas linhas em direção ao ponto que gera a sensação visual de profundidade das faces em escorço dos objetos em perspectiva.



O uso dos elementos da perspectiva, em conjunto, permite a elaboração de esquemas gráficos necessários para desenhar objetos contextualizados em ambientes ou paisagens sem alteração estrutural.



“Escola de Atenas”, Rafael Sanzio, 1509–1510.



“A Santa Ceia”, Leonardo da Vinci, 1495-98.

ATIVIDADE

Estudo de perspectiva.

Materiais:

- Folha para desenho.
- Lápis grafite e borracha.
- Régua.
- Lápis de cor e/ou canetinhas (opcional).

Passos da atividade:

1. Nas imagens abaixo, marque de caneta:

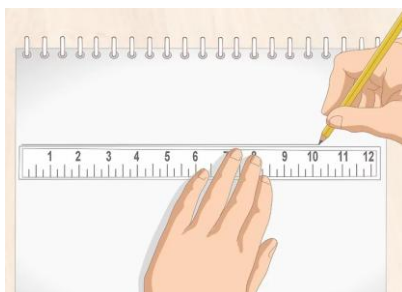
- Linha do Horizonte
- Ponto de Vista
- Ponto de Fuga
- Linhas de Fuga





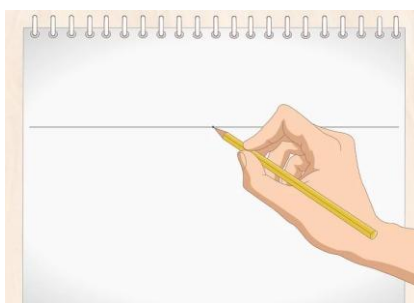
“A Adoração dos Reis Magos”, Sandro Botticelli, 1475.

1. **Sua vez!** Na folha de desenho, crie uma paisagem em perspectiva com dois ou um ponto de fuga.
 - a. Desenhe uma linha do horizonte no papel.

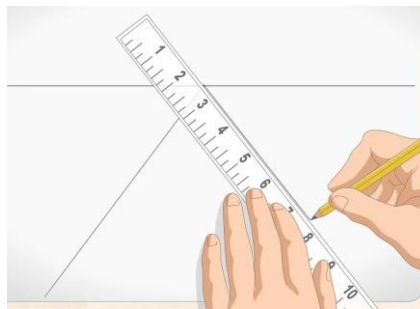


- b. Faça uma marca de lápis no ponto de fuga, o ponto de convergência, onde todas as linhas importantes se encontram.

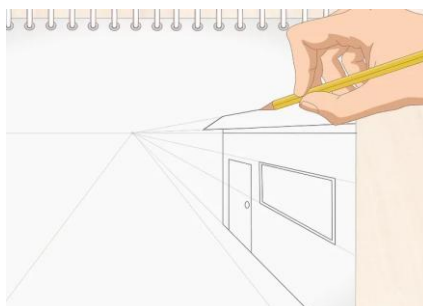
O ponto de fuga não precisa ficar no meio da linha do horizonte, mas isso deixa, por exemplo, uma rua, bem estreita e mais fácil de completar, para quem não tem muita experiência.



- c. Coloque a régua no ponto de fuga, incline-a em qualquer direção e faça algumas linhas de perspectiva com o lápis.



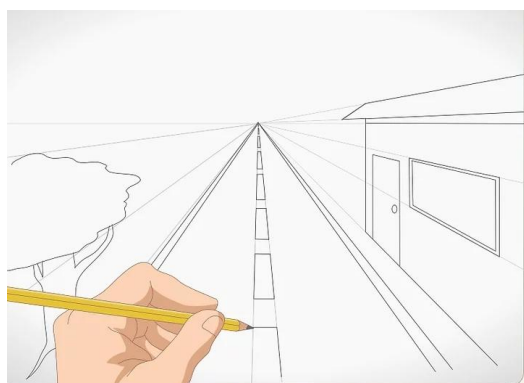
- d. Faça de três a quatro linhas que saem do ponto de fuga e em seguida, faça um quadrado dentro dessas linhas para conectar as superiores às inferiores e que fique perpendicular às linhas horizontais.



Você também pode fazer outras formas geométricas. Desenhe o lado mais próximo dessa forma e conecte os cantos dela ao ponto de convergência do horizonte.

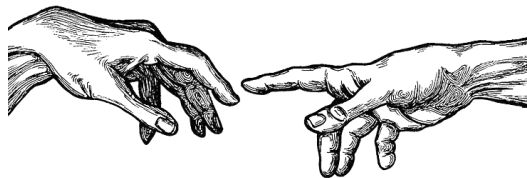
Se pretende deixar o desenho mais profundo, você tem que escolher um só elemento que chame a atenção de quem olhar para o papel.

Por exemplo: desenhe uma rua que fique mais estreita conforme avança e coloque casas ou árvores nas laterais. Lembre-se de que o sujeito também tem que se inclinar em relação a essas linhas.



Você pode ainda desenhar o oceano com o sol nascendo ou se pondo. O sol seria o ponto de convergência, enquanto o oceano não teria fim aos olhos de quem visse o papel.

Lembre-se de que os sujeitos que ficarem mais próximos de quem vê, têm que ser maiores que os que ficam no horizonte.



AULA 35

CORES E VALORES ESTÉTICOS



As cores são um dos principais meios de gerar valor estético. Elas ajudam a criar atmosferas (tranquilidade, tensão, alegria); definir identidades visuais (marcas, movimentos artísticos); guiar a atenção visual; expressar emoções e conceitos abstratos, etc. Elas podem ser organizadas e classificadas em diferentes esquemas cromáticos, que influenciam a composição visual e criam diferentes efeitos estéticos.

ESQUEMAS DE CORES

Cores complementares – Cores opostas no círculo cromático, criando forte contraste, força e equilíbrio.



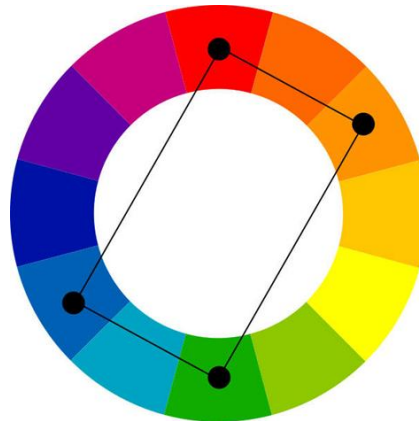
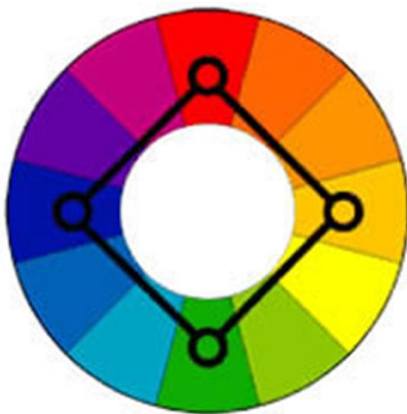
Uma cor primária é sempre complementada por uma cor secundária (das outras duas cores primárias). Exemplo, a cor complementar do vermelho é o verde.

Cores Tríades – Três cores equidistantes no círculo cromático, formando um esquema dinâmico e vibrante.

É a organização de cores formadas por um triângulo equilátero (lados iguais) no disco cromático. Entre as cores, existe a mesma distância. Tais cores, as triádicas, podem ser organizadas e usadas em diversas combinações.

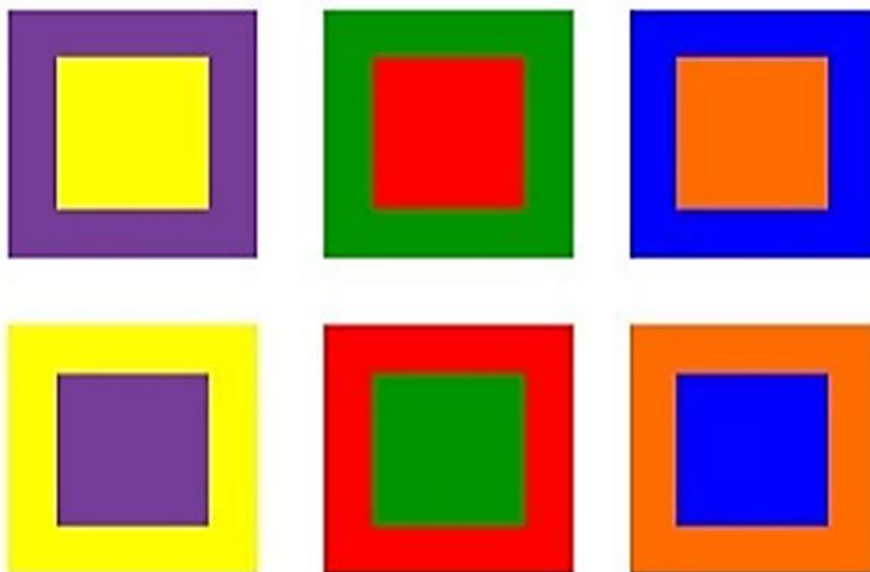


Tétrades – Quatro cores combinadas para criar uma composição rica e equilibrada. Baseia-se em um quadrado ou um retângulo. No disco cromático, elas estão igualmente espaçadas.



O uso adequado das cores permite que as imagens transmitam sensações específicas e reforcem sua mensagem.

Cada esquema cromático possui um efeito visual diferente:

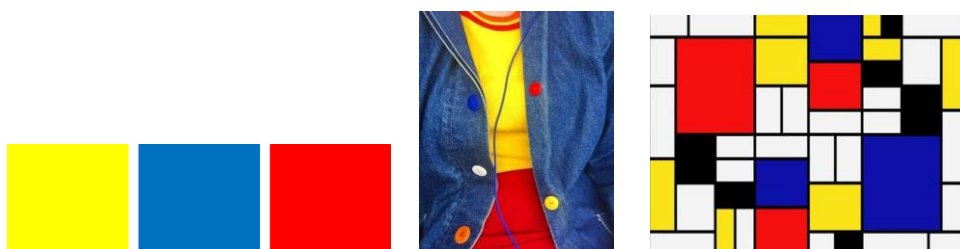


Complementares: criam contraste e tornam a imagem mais chamativa.

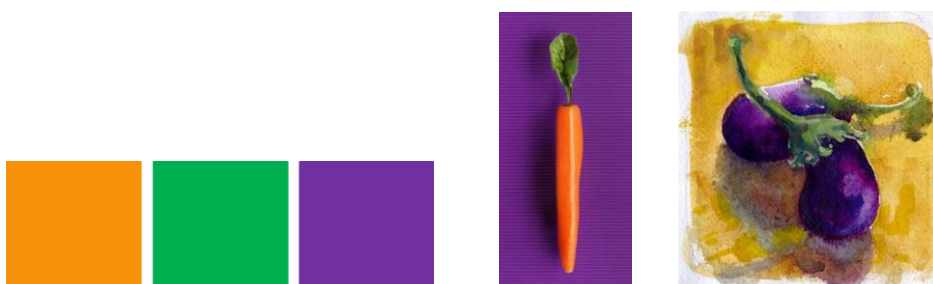


Tríades: proporcionam contrastes com equilíbrio e diversidade cromática.

Tríade primária: amarelo, azul e vermelho – produz contrastes perceptíveis.



Tríade secundária: laranja, verde e violeta – contraste suavizado.



Tétrades: permitem composições mais sofisticadas e harmoniosas.

Os artistas usam essas combinações para destacar figuras centrais, criar sensação de profundidade e reforçar a simbologia das cores.





Essa é uma das harmonias mais ricas, onde vamos combinar dois pares de complementares. Mas, também pode ser conflitante. O ideal é escolher uma cor predominante.

As **cores** e suas combinações, são um dos principais meios de gerar valor estético. Elas ajudam a:

- Criar **atmosferas** (tranquilidade, tensão, alegria).
- Definir **identidades visuais** (marcas, movimentos artísticos).
- Guiar a **atenção visual**.
- Expressar **emoções e conceitos abstratos**.

A busca pela verdade na arte envolve a compreensão da composição, da cor e da luz. Esses elementos ajudam a construir imagens harmoniosas e expressivas, tornando a arte um meio poderoso de contemplação e ensino.

ATIVIDADE

Criar uma composição utilizando diferentes esquemas de cores.

Materiais:

- Folha para desenho.
- Lápis grafite.
- Lápis de cor.

Passos da atividade:

1. Escolha um dos esquemas cromáticos apresentados na aula (complementares, tríades ou tétrades).
2. Crie uma composição baseada apenas no esquema escolhido.
3. Apresente seu trabalho para alguém, explicando os efeitos visuais de sua escolha de cores.